

Antologia de Arthur Santos



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

Dedico estes poemas a todos os amigos do Meu Lado Poético

Agradecimentos

Agradeço a todos os amigos a atenção que dedicam aos meus poemas.

Sobre o autor

Arthur Santos nasceu em Moscavide, uma vila colada à cidade de Lisboa, no dia 25 de Maio de 1951. É Engenheiro Químico, tendo tido uma actividade profissional de Técnico Superior de Segurança e Saúde no Trabalho. Escreve e diz poesia por influência de seu pai, desde os 11 anos de idade.

É casado com Maria Eduarda Santos, também ela Engenheira Química e tem um filho José Carlos, Informático, Jornalista e Poeta.

Publicou 23 livros de poesia de entre os quais se destacam:

Poemas pintados com palavras, Diga 33, Operação especial MMPMEM (Matar os Meus Poetas Mesmo que já Estejam Mortos), Um Poema Por Dia. Pensamentos sem sentido, escreva os seus poemas e no tempo em que os animais falam.

Participou em 9 Antologias. A título de exemplo, na 1ª Antologia poética da Academia Brasileira de letras (2004).

É Membro fundador do Grupo Poesia no Palácio, realizando 8 eventos por ano homenageando poetas. Organiza Encontros poéticos e tertúlias de poesia. Teve diariamente um Directo de Poesia no Facebook. É Membro da Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, gerido pela poetisa brasileira Mariza Sorriso.

resumo

POEMA DA MODA

PENSAR POESIA

QUEREM QUE A GENTE TENHA JUÍZO?

NA SALA DE CONCERTOS

UMA ESPÉCIE DE POEMA...

COLONOS E TUPIS

ROUBARAM A LUA

VERSOS IMPERFEITOS

É A ERA DO VALE TUDO

CINCO MINUTOS A MAIS

ERAM QUATRO...

EU QUERO SER UM POEMA

OLHO POR OLHO DENTE POR DENTE

BUKOWSKY NÃO ANDAVA DE SKY

CAIU-ME UM FASCISTA NO PRATO DA SOPA

UM DIA FUI A UMA FEIRA

DAÍ DAQUI DALI OU DACOLÁ

JERICÓ CIDADE DE ISRAELITAS

O MELHOR É PIRAR-ME DAQUI

OS ALHOS NÃO TÊM OLHOS

GOSTAVA DE MORRER SERENAMENTE

POETA PEQUENO DEUS

POEMA DA MODA

POEMA DA MODA

Em fios de tecido há sonhos e cores
numa dança de estilo e de vaidade
que se tece no mistério dos bastidores
a passarela é o circo falsa realidade
momentos fugazes que fazem sorrir
ao assistir a tanta insanidade

PENSAR POESIA

PENSAR POESIA

hoje dei comigo a pensar
se vale a pena escrever
aquilo que penso
pensamentos estão sempre a acontecer
estamos sempre a pensar
é como respirar
respiramentos estão sempre a acontecer
não paramos de respirar
como não paramos de pensar
se paramos de respirar morremos
se paramos de pensar morremos
toda a gente nos pergunta
em que estás a pensar?
ninguém nos pergunta
em que estás a respirar?
porque ninguém se interessa
pela nossa respiração
mas muitos se interessam
pelos nossos pensamentos
quase sempre a essa pergunta
respondemos com naturalidade
não estou a pensar em nada
o que é a maior das falsidades
como se o cérebro estivesse vazio
e o cérebro nunca está vazio
o que se passa é que não queremos
que os outros saibam
no que estamos a pensar
portanto a resposta mais adequada
é responder que não estamos
a pensar em nada
umas vezes há pensamentos

que aparecem e desaparecem
não temos a velocidade suficiente
para os apanhar
outras vezes conseguimos apanhá-los
mas não somos capazes
de os capturar no papel
passar à escrita
e depois passá-los à escrita para quê?
só porque sim
ou para os partilhar?
e a dúvida é
será que o que se escreve
vai interessar a alguém?
já tenho pensado que sim
e já tenho pensado que não
nunca tive a certeza
de qualquer modo escrevo
está a acontecer neste momento
tive um pensamento
isto é tive consciência
do acto de pensar
e de forma caótica desorganizada
comecei a escrever
essa é outra coisa curiosa
que pensei agora mesmo
a respiração é inconsciente
respiramos e pronto
ninguém percebe
que estamos respirar
e nem pensam nisso
a menos que se tenha
um problema de saúde
mas não é esse o assunto
como por vezes não se percebe
que estamos a pensar
mas estamos

agora sobre o passar
o que se pensa para o papel
é o que quero conversar
muita gente diz frequentemente
não sei escrever poesia
não me vem nada à cabeça
como não vem nada à cabeça?
impossível não vir nada à cabeça
está lá sempre muita coisa
muito mais do que imaginamos
então vamos lá pensar
viram? eu escrevi pensar...
peguem numa caneta
e numa folha de papel
e escrevam sem parar
ponham no papel
os pensamentos
nem é preciso procurá-los
eles são tantos
que começam a brotar
inconscientemente
o resultado até vos pode parecer
coisas sem sentido
mas vendo bem
é capaz de ser um poema como este
que pode não ter valor literário
mas é a materialização
do pensamento

vão rir-se de nós?
vão chorar?
vão gozar?
vão ignorar?
vão sentir?
vão gostar?
não interessa

o que realmente interessa
é que conseguimos escrever
os nossos pensamentos
conseguimos agarrar neles
o que nem sempre é fácil
e fomos capazes de lhes dar vida
de os eternizar
de lhes dar um lar
de lhes dar em teto
de passar do abstracto
ao concreto

já pensaram que poderá ser isso
o vosso poema?

QUEREM QUE A GENTE TENHA JUÍZO?

QUEREM QUE A GENTE TENHA JUÍZO?

Muito riso pouco siso
Quer dizer que quem muito ri
Não tem muito juízo
Dá vontade de dizer: fala por ti
A mim dá-me vontade de rir
Estar alegre com a malta
E penso que juízo não me falta

No entanto ter juízo é complicado
É difícil ser ajuizado
Quando desde jovem se foi habituado
A mentir roubar fumar erva
Isso a nossa memória conserva
E nem nos tempos da ditadura
Havia censura

Querem que a gente tenha juízo?
Como é possível?
Recordem o que aprendemos
Do que na época lemos

Desde pequenos vimos o "Tarzan" a andar nu
Sem qualquer espécie de tabu
As meninas até lhe viam o cu

A "Cinderela" chegava à meia noite
O "Pinóquio" era um aldrabão
O "Aladim" era ladrão

O "Popeye" fumava uma erva estranha e ficava doidão
O "Batman" conduzia em excesso de velocidade
A "Branca de Neve" morava com sete homens à vontade

O "Cascão" não tomava banho

A "Mônica" batia nos meninos era muito manhosa

A "Magali" era gulosa

"Huguinho Zezinho e Luizinho" faltavam sempre às aulas

O "Tio Patinhas" era avarento

O "Mickey" nunca se casou com a Minnie só namorava

O "Pato Donald" não casou com a Margarida e não trabalhava

O "Gastão" vivia da sorte

O "Dick Dastardly" vivia de falcatruas era marado

O "Cebolinha" dizia tudo errado

Estes foram os exemplos que tivemos desde pequenos

E depois querem que tenhamos juízo?

NA SALA DE CONCERTOS

NA SALA DE CONCERTOS

na sala de concertos ouviam-se os primeiros acordes.
as notas circulavam entre gente comum e lordes,
com igual sem cerimónia,
despreocupadamente e sem parcimónia.

notas soltas,
livres de escoltas,
sem constrangimentos.
afinar os instrumentos.

ouviu-se o som estridente e brilhante do violino
ecoando em desatino,
logo seguido pela viola D'arco com a sua voz doce
mas calou-se,
abafada pelo som grave do contrabaixo
como que a responder cabisbaixo,
de cá para lá, de lá para cá,
montado na sua clave de fá
e bem assente no seu espigão.

dialogavam,
argumentavam,
primeiro um, depois o outro, em franca discussão.
o violoncelo meteu-se na conversa
de maneira perversa
e tornou a questão mais controversa.

estavam nisto,
quando de rompante aconteceu o imprevisto.
autoritariamente fez-se ouvir o som do piano
querendo impor-se como o soberano,
com um comportamento até um pouco...

hitleriano

mas durou pouco o seu desígnio,
a harpa com quarenta e sete cordas
e meios tons cromáticos,
quebrou-lhe o domínio
e os seus ares aristocráticos.

os sons indisciplinados invadiam a sala.
queixou-se um velhote ao meu lado
já a começar a ficar incomodado:
deus me valha,
tanto discute esta canalha.

os instrumentos ganhavam vida,
estavam de cabeça perdida,
uns até já começavam a soprar,
não havia ordem nem pauta,
só queriam mesmo afinar.
sem avisar, entrou a flauta
triunfante como um hino,
a dar suavidade ao violino.
o clarinete não ficou mudo
e fez-se ouvir de grave a super agudo.
cavalgava quase a trote,
quando com personalidade,
entrou grave,, o fagote,
de SI BEMOL GRAVE a RÉ
mas nada conseguiu, porque o oboé
com notas graves, ricas
e agudas penetrantes,
em poucos instantes
tornou-os a todos insignificantes.

pensava-se que ficava por aqui a confusão
mas não,
ainda havia mais.

faltavam os metais.

para aumentar as instaladas confusões,
chegou o trompete com os seus dourados pistões
mas foi logo confrontado com o trombone de vara
que o enfrentou cara a cara.

com toda a circunstância e pompa,
meteu-se à bruta a trompa
com a sua campânula enorme,
quase desconforme,
a pretender ser diferente
e a querer fazer-se passar por gente.

mas claro, teve forte oposição.
entrou em contramão
com a tuba e todos os seus graus cromáticos
que logo a atacou em termos democráticos.

pachorrentamente e sem paciência,
com toda a sua experiência,
impôs-se o velho saxofone,
numa voz que parecia um megafone.
a sua potência sonora
parecia ser arrasadora.
iria pôr um ponto final
no sonoro bacanal.

mas ainda não.
para mal dos nossos pecados
e dos nossos ouvidos já cansados,
faltava entrar na discussão,
a percussão.

o xilofone discutiu com o piano
quase mano a mano,
a caixa de rufo, os tímpanos o bombo e a pandeireta,

numa sonora conversa da treta
e com estrondosas extravagâncias
fizeram ouvir as suas ressonâncias,
o gongo, o carrilhão e os pratos
que até aqui assistiam estupefactos
a estes preliminares musicais,
produziram os seus efeitos especiais.

finalmente... como que a pôr um fim...
ouve-se do folclórico triângulo,
um tímido...
PLIM!

seguiu-se um silêncio sepulcral,
surreal,
só interrompido pelo acomodar
nas cadeiras.

acabaram as chinfrineiras.
o concerto, vai começar!

UMA ESPÉCIE DE POEMA...

UMA ESPÉCIE DE POEMA SEM SENTIDO NENHUM A QUE OS ENTENDIDOS NESTAS COISAS CHAMAM DE "NON-SENSE"

(Não leia esta coisa, a bem da sua saúde mental. Depois diga que não avisei)

As pombinhas da Catrina,
andaram de pé em pé.
foram ao bar da Ernestina
e embebedaram-se com café.

com café e com água ardente,
porque não havia água da torneira,
contaminaram toda a gente,
com uma pandémica bebedeira.

a pandémica bebedeira teve graça,
a malta até agradeceu a oportunidade,
de fazer uma algazarra desgraçada
e foram vender carapau para a praça.

o carapau para a praça foi boa ideia,
numa folclórica e inesquecível epopeia,
lá foram todos de canasta a abarrotar,
todos felizes a estalar foguetes no ar.

os foguetes eram bombas para os carapaus,
lançadas pela temível seita dos mau-maus
que não queriam essa fedorenta peixeirada
mas uns bons nacos de picanha grelhada.

com a picanha grelhada acordei ao abandono,
dentro dum caixote rodeado de bananas,
sem saber quem foram os tais bacanas
que me tiraram o sossego do meu sono.

COLONOS E TUPIS

COLONOS E TUPIS

Em troca dos recursos locais os navegadores colonialistas ofereciam aos indígenas bens europeus. **Ferramentas de ferro, facas, machados, espelhos e pentes.** Esses bens eram valiosos para os indígenas. As ferramentas de metal facilitavam o trabalho e os objectos tinham um forte valor simbólico que serviam para os tornar importantes face a outras tribos.

O escritor humorista brasileiro, **Luís Fernando Veríssimo, falecido em 30 de Agosto de 2025, brincou com a situação numa crónica que com a devida vénia transformei neste poema (Aqui lhe presto as minhas homenagens):**

os colonizadores pisaram terra "pindorama"
e ficaram apaixonados pelo panorama
duma natureza virgem e vibrante
como nunca tinham visto até ali.
foram logo rodeados de indígenas tupi,
todos com "acangataras" voluptuosas,
belos "cocares", feitos com penas vistosas.

olharam-se mutuamente curiosos,
ambos se perguntando receosos:
- quem será esta gente?

a falar não se conseguiam entender.
então como havia de ser?
os indígenas tinham para dar,
os colonos tinham que pagar.

começaram então as negociações,
embora com perigosas tenções...

o indígena ofereceu tomates,
belos, luzidios, escarlates,
depois de vistas e analisadas...
- para que servem essas coisas maradas?
- para fazer refogados molhos saladas

- tudo bem nada mal
eu ofereço ferramentas de metal
e em bom estado.
- negócio fechado.

agora, diz o indígena com palavras sensatas,
tenho aqui para ti uns sacos de batatas.

- e o que faço eu com essa bolas?
- levas para a tua terra estas sacolas
e a tua mulher faz coisas bem bonitas,
noisettes, rotis, batatas fritas...
- tudo bem, eu dou-te facas afiadas
que te podem facilitar as caçadas
e estão em bom estado.
- negócio fechado.

olha, disse o indígena ao colono parceiro,
tenho aqui o fruto da cacueiro.

- e o que faço com essa coisa sem graça?
nada há que com ela se faça
- pois mas com ela fazes chocolate.
vais ver que vai ser uma conhecida arte.
- vou acreditar em ti e dou-te mais pentes
para usares nas tuas gentes
e de brinde mais um machado
e em bom estado.
- negócio fechado.

- e que mais tens para mim meu safado?
pergunta o colono interessado

- ah! para esta não podes ser fraco,
tenho aqui um forte tabaco,
vais pagar bem e não há fiados.
- tudo bem, eu pago com machados,
vão-te ser úteis nas tuas trabalheiras,
serão a tuas boas companheiras

e estão em bom estado.

- negócio fechado.

o indígena agradeceu a ferramenta de metal
e disse: -tenho para ti um brinde especial
porque foste honesto e leal
e essa é a nossa doutrina,
toma lá uns pacotinhos de cocaína.

- obrigado mas quero mais meu filho,
quero os teus papagaios e o teu milho
para o plantar na minha terra de raiz
e quero essas argolas que trazes no nariz.
em troca dou-te espelhos e pentes.
mas o indígena resmungou entre dentes:
- não! isso daqui de modo nenhum levas.
nessa altura fizeram-se trevas.

os colonos atacaram os infelizes
e roubaram as argolas dos seus narizes.
como era impossível derrotar os invasores,
os indígenas praguejaram alguns dissabores:

que a batata, essa beleza,
torne a tua raça obesa.

que o chocolate, com ou sem mentol,
te aumente o colesterol.

que o tabaco se torne num vício
e seja para ti tenebroso suplicio.

que a cocaína nunca te dê calma
e te destrua a tua alma.

e por último, a maior praga:

que o tomate, esse fruto generoso,
se transforme num ketchup rançoso!!!

ROUBARAM A LUA

ROUBARAM A LUA

roubaram a lua
vermelha e nua!

tenho a certeza
que a roubaram,
saloia esperteza.

roubaram a lua
vermelha e nua!

ainda ontem lá estava,
fui ao mesmo sitio,
ela disse-me que esperava.

roubaram a lua
vermelha e nua!

estava combinado
estar de novo com ela,
eu era o seu namorado.

roubaram a lua
vermelha e nua!

só encontrei
um céu escuro
e chorei.

roubaram a lua
vermelha e nua!

lua não me deixes assim
lua volta p'ra mim!

VERSOS IMPERFEITOS

VERSOS IMPERFEITOS

Este poema pretende brincar com a poesia escrita obedecendo à contagem das sílabas. Redondilha menor é um verso com 5 sílabas. Redondilha maior é um verso com 7 sílabas. Na contagem das sílabas de cada verso a última sílaba não conta. Não obedecendo a estas regras as composições livres dizem-se imperfeitas.

EU SOU... IMPERFEITO!

meus amores,
mil perdões aos trovadores
que escrevem lindas canções
mas eu não quero que as redondilhas,
sejam minhas filhas.

para ti também, Camões,
os meus respeitos
mas filhas menores com cinco anos feitos
nunca irei adoptar.
nem as maiores já com sete anos
que iriam atrapalhar os meus planos.
não, nunca irei redondilhar.

não misturo poesia com aritmética,
não meço os meus versos com fita métrica,
não os conto pelos dedos,
não quero neles amarras nem medos,
nem vou a coitada da última sílaba comer.
nem por sombras o irei fazer.

portanto, meus amores,
Camões e todos os trovadores
que escrevem lindas canções,
tomem lá o meu verso imperfeito
e que vos faço bom proveito!

É A ERA DO VALE TUDO

É A ERA DO VALE TUDO

É a era do vale tudo,
Estamos em luta.

É a era do filho da puta
E da escuta,
Para actuar pela calada.

É a era do não fazer nada,
Para dizer que se fez muito.

É a era dos fins
Que justificam os meios,
Dos anseios
De poder
A todo o custo.

É a era da escuridão clara,
Do susto
Que quer parecer que não é,
Da manipulação
A parecer informação,
Da abertura
Que afinal nunca se abriu.

É a era da ditadura,
A passar por democracia.

É a era do estar em dia,
Do parecer,
Não importando não ser.

É a era das mudanças,
Mesmo que tudo fique na mesma
Como a lesma.

É a era do não termos defesa,
Porque prevalece a falta de clareza,
Em toda a sociedade.

É a era da defesa
Do meio ambiente,
Mesmo quando o ministro mente,
Ou é incompetente,
Ou não sabe o que diz.

É a era do ponta de lança de raiz,
Do finalmente controlamos a inflação
E ela sobe como antes.

É a era dos elefantes
continuarem a ter medo dos ratos,
Sem saberem bem porquê.

Estamos fartos!
Uma ova!
Porque não se acaba
Com esta era
E se começa
Uma era nova?

CINCO MINUTOS A MAIS

CINCO MINUTOS A MAIS

antes de morrer, gostava de ter
cinco minutos a mais.
não peço mais...
pode ser?

prometo não fazer asneiras,
nem perder as estribeiras,
nem fazer disparates,
nem entrar em inúteis combates,
nem fazer nada de mais
nesses cinco minutos a mais...
pode ser?

Ah! e para que quero eu cinco minutos a mais?
é um pedido que nunca ninguém fez?
parece uma mesquinhez?
sim já sei... há regras, há rigidez
que regem a partida das pessoas
mas prometo que não abuso,
respeitarei os meus ancestrais,
vou fazer bom uso
desses cinco minutos a mais...
pode ser?

vá lá!
antes de partir só me quero despedir
das pessoas que gostam de mim.
simples assim!

um beijo, um abraço, uma alegria
e um até qualquer dia...
pode ser?

ERAM QUATRO...

ERAM QUATRO...

eram quatro meninas as quatro com o mesmo sorriso
eram quatro olhares cor de mar quatro proscritas
eram quatro em Veneza para quatro conquistas
eram quatro mulheres mesmo quatro para ser preciso

eram quatro sorrisos de quatro meninas
eram quatro proscritas quatro olhares cor de mar
eram quatro conquistas em Veneza quatro traquinas
eram mesmo quatro as quatro mulheres a cativar

eram quatro canetas quatro eruditas
eram quatro poemas quatro escritas
era quatro diários quatro revelações

eram quatro horas quatro tentações
eram quatro impulsos quatro vontades
eram quatro as mentiras e quatro as verdades!

EU QUERO SER UM POEMA

EU QUERO SER UM POEMA

Poema escrito no dia 5 de Novembro de 2025, eram 10h35min

hoje acordei a desejar
ser um verso.

ainda meio acordado meio a dormir
a sonhar com heróicas conquistas,
achei melhor ser dois versos,
um dueto sempre dá mais nas vistas.

abri um olho e pensei melhor,
afinal não quero ser um dueto,
quero ser um terceto,
sim isso mesmo, um terceto,
três versos bem juntinhos,
bem alinhadinhos.

entretanto abri os dois olhos,
olhei à minha volta
e perguntei-me estremunhado:
eu quero ser um terceto?
é claro que não quero
ser um simples terceto
e não há nada que me impeça
que parvoíce é essa?
o que eu quero, é ser uma quadra,
isso mesmo, uma quadra,
uma redondilha maior
ou uma redondilha menor, tanto faz
mas uma bela quadra,
isso vou ser capaz.

já mais acordado pensei:
porquê só uma quadra?
tenho outra proposta,
uma coisa mais composta,
quero criar novos universos,
vou misturar duas quadras
com dois tercetos, catorze versos,
porque quero ser um soneto,
isso mesmo, um soneto,
um soneto merece mais respeito,
agora sim estou satisfeito.

eu disse que estou satisfeito?
não, não estou satisfeito,
um soneto não chega,
quero ser ...

quero ser uma estrofe de cinco versos
de seis, sete, oito, nove, dez
e andar a mostrar-me pelos cabarés
e tratarem-me por nomes estranhos:
quintilha, Sextilha, Setilha, Oitava, Nona Décima,
nomes de todos os tamanhos...

pensando melhor, não quero nada disso,
não quero ser obediente nem submisso.

o que eu quero,
é ser um poema livre de amarras,
sem métricas, sem metáforas, sem rimas,
quero mostrar as minhas garras,
as minhas ideias legítimas,
furar grades, algemas e brumas
sem obedecer a regras nenhuma...
tenho dito!

OLHO POR OLHO DENTE POR DENTE

OLHO POR OLHO DENTE POR DENTE

O justo Hamurabi, como Rei da Babilónia
e fiel seguidor de Talião,
decretou o seu Código em Real cerimónia
e ai de quem não o cumprisse sem discussão.

eram duzentas e oitenta e duas leis vigorosas
que consagravam vinganças dolorosas,
claramente expressas, bem medidas
e sem margem para enganos ou dúvidas.

nelas estava determinado claramente
o princípio, olho por olho dente por dente.

Se alguém faz uma acusação sem pudor
e não o conseguir provar
à cova sem piedade vai parar
p'ra nunca mais ser injusto acusador.

se alguém assaltar casa alheia,
será condenado à morte sem apelo nem agravo
nem que tenha roubado apenas um centavo
e será logo ali enterrado sem sequer ir à cadeia.

já Deus a Moisés o tinha dito
no livro do Êxodo 21:24 concretamente,
olho por olho dente por dente
mas chegou Jesus muito aflito
e insatisfeito com este desenlace
mandou dar a outra face!

BUKOWSKY NÃO ANDAVA DE SKY

BUKOWSKY NÃO ANDAVA DE SKY

Bukowsky

não andava de sky,
chorava, ria, bebia
e escrevia poesia.

desprezado e abusado
por um pai soldado,
perdeu de vista
a vontade de ser jornalista.

o capitalismo
fez-lhe a gentileza
de lhe oferecer alcoolismo,
mas isso não lhe trouxe tristeza.

foi carteiro a tempo inteiro
e sem dinheiro.

Bárbara Frye deu-lhe o oxigénio,
de acreditar no seu génio.

casou-se
e descasou-se.
louco eterno,
nas ruas, nos becos, nos bares, no inferno,
linguagem violenta, despudorada,
era a sua arma apontada,
à burguesia dourada,
linguagem directa e dura,
sem qualquer auto censura.

escrevia poesia,

como quem escreve uma auto biografia.

Bukowsky

não andava de sky,
mas chorava, ria, bebia
e escrevia poesia.

Nota:

Quem nunca leu Bukowsky, procure pela sua poesia.

Tenho a certeza que vão ficar apaixonados.

Henry Charles Bukowski, Andernach, 16 de agosto de 1920/Los Angeles, 9 de março de 1994) foi um poeta, contista e romancista Norte Americano. A sua obra, de carácter inicialmente obsceno e estilo totalmente coloquial, fascinou gerações que buscavam uma obra com a qual pudessem se identificar.

CAIU-ME UM FASCISTA NO PRATO DA SOPA

CAIU-ME UM FASCISTA NO PRATO DA SOPA

hoje de manhã um fascista,
caiu-me no prato da sopinha.

usava fato, cachecol e gravatinha.
disse-me o estupor que era escritor
e pediu entre dentes, para ser meu amigo,
afirmando com focinho de psicopata,
ser um autêntico democrata.

como sou tudo menos burro,
aquilo cheirou-me a esturro.

logo outro fascista se lhe seguiu,
(isto nunca se viu),
já tinha dois fascistas no prato,
eram fascistas ao desbarato
e a cometerem a filha d'aputisse
que se eu não os engolissem,
seria um triste esquerdopata
e nada teria de democrata,

como sou tudo menos burro,
aquilo cheirou-me a esturro.

levantei-me como que cordialmente,
(nestas situações sou muito insolente),
fui buscar um gorda marreta
e sem medos nem receios...
esmaguei-os!

Amén!

UM DIA FUI A UMA FEIRA

UM DIA FUI A UMA FEIRA

MOTE

**um dia fui a uma feira,
não sei como aquilo foi,
comprei uma vaca leiteira,
cheguei a casa era um boi.**

GLOSA

andava eu por aí a calcorrear,
umas vezes a correr outras a andar,
por estradas e caminhos de terra,
de monte em monte, de serra em serra,
sozinho e às vezes acompanhado
sem nunca me sentir cansado,
à descoberta do desconhecido.
em mim não entrava canseira.
qual caminheiro destemido,
um dia fui a uma feira.

vi lá milhares de bugigangas,
cuecas, soutiens, casacos sem mangas,
martelos, alicates, limas,
coisas baratas e coisas caríssimas,
sapatos, pantufas e chinelos
pretos, azuis, verdes, e amarelos,
chouriços, linguiças, e couratos de lei.
tudo devorei que nem um herói
e até ao trincar me engasguei.
não sei como aquilo foi.

mas nesta história não vos minto.
lá tive que emborcar um carrascão tinto,

essa bebida gostosamente santa,
para aliviar a pobre garganta.
já aliviado, segui a minha visita.
deparei-me com uma bela senhorita
que vendia animais de quinta
e também aves de capoeira.
porque a senhora tinha boa pinta,
comprei uma vaca leiteira.

assim fiquei como fornecedor
de leite directamente do produtor,
sem precisar de ir ao supermercado,
comprar leite falsificado.
saí da feira todo contente.
fiz melhor negócio que toda a gente.
nunca tinha sido na vida burlado
mas nesta malfadada feira é que foi,
não comprei nada uma vaca, fui enganado...
cheguei a casa era um boi.

DAÍ DAQUI DALI OU DACOLÁ

DAÍ DAQUI DALI OU DACOLÁ

olá
eu sou daqui
e tu daí
mas se és tu a dizer que és daqui
é porque não és daqui
mas sim daí
a menos que digas que és daí
nessa altura é porque és daqui
como eu!

mas se eu digo que sou dali
e tu também dizes que és dali
podemos ser do mesmo sítio
mas também de sítios
diferentes
então temos de dizer qual é o sítio
para ver se são coincidentes!

ser dacolá
é mais ou menos o mesmo que ser dali!

como confusões é o que mais há,
o melhor é dizer logo onde se está...
seja daí, daqui, dali ou dacolá!

JERICÓ CIDADE DE ISRAELITAS

JERICÓ CIDADE DE ISRAELITAS

"Jericó cidade de Israelitas tinha sido fechada e ninguém podia entrar nem sair"

Livro de Josué, 6, 4-5

eram sete sacerdotes que tocavam sete trombetas,
sete na frente da arca da aliança, sete prontas setas,
eram sete homens, sete pares de sandálias,
sete pares de olhos, sete justas parafernálias,
sete voltas à cidade, sete longos e penosos dias,
sete tristezas, sete alegrias,
sempre sete sacerdotes a tocar sete trombetas,
sete vezes cansados, sete vezes atletas.

o som das trombetas a crescer sete vezes,
sete vezes clamaram povo e burgueses,
sete vezes tremeu e rugiu a invencibilidade,
sete vezes caiu a muralha da cidade.

e no final proferiu Josué o juramento de uma vez só,
"maldito seja quem tentar reconstruir a cidade de Jericó".

O MELHOR É PIRAR-ME DAQUI

O MELHOR É PIRAR-ME DAQUI

dizes que tens uma pipa.
será que podes nela apipar?
e guardas nela o vinho
ou pões a pipa a voar?
e se tivesses um pipo?
será que podias apipor?
ou esvaziavas o ar?

podias apitar
com uma pita?
ou seria melhor
ter um apito?
nesse caso não seria apitor?
e se o pito fosse... um amor?

até porque temos
cinco gémeas da galinha
que andam na linha.
a pata, a peta, a pita, a pota
e.... nesta labuta...
fechamos aqui a porta!

numa pia
pode-se piar,
água suja deitar
mas essa pia não é igual
à pia Baptismal!

e numa pira,
dá para um fogo atear

mas dará para... pirar?

e o leite do gato

põe-se num prato

ou numa prateleira?

e o parto desta vida

será que se põe na prateleira?

e é chegada ou é partida?

pipa, pipo, pita, apito, pia, prato, parto...

será uma utopia?

o que vai para aí.

o melhor é pirar-me daqui!

OS ALHOS NÃO TÊM OLHOS

OS ALHOS NÃO TÊM OLHOS

Os alhos não têm olhos,
nem os olhos têm alhos,
se tivessem era uma carga de trabalhos,
eram lágrimas aos molhos.

mas eu tenho um alho
com grandes olhos
que quando me olha
como que a querer-me desafiar,
até me molha
com o seu olhar.

portanto os alhos têm olhos
e até têm formosos folhos
que são os seus agasalhos.

talvez por isso haja pessoas
que quando olham
os alhos que têm olhos,
de maneira incontrolada,
desatam à gargalhada,
metendo-se assim numa alhada
que pode descambar em acidentes,
porque os alhos para além de olhos...
também têm dentes!

GOSTAVA DE MORRER SERENAMENTE

GOSTAVA DE MORRER SERENAMENTE

já que tem de ser,
gostava de morrer serenamente.
de preferência adormecer tranquilamente
e não acordar dessa ausência.
sem sofrer.
sem saber que a vida se vai.
como o meu pai.

fechar os olhos, não acordar
e tudo ficar exactamente como estava
antes.

por mim, missão cumprida.
não quero ninguém a chorar a minha partida.
não quero velório
nem uma cova como meu território.
não quero nenhum lamento.
quero cinzas a voar com o vento
ou diluídas ao sabor de uma qualquer
maresia.

deixo como testamento,
a minha poesia.

tenho dito.
cumpra-se!

POETA PEQUENO DEUS

POETA PEQUENO DEUS

a poesia não tem de falar de florzinhas,
porque ela própria é o jardim
onde elas florescem,
com terra, pedras, pedrinhas
e até humildes ervinhas.

sim,
a poesia é o jardim,
as palavras são a semente,
onde está presente
o labor do jardineiro,
seu dedicado companheiro.

nesse jardim,
a poesia só germina,
só fascina,
com palavras-semente de qualidade,
sem ervas daninhas
e sem ideias mesquinhas.

para ter um jardim assim,
sem odor podre e foleiro,
sem vegetação triste e obsoleta,
precisa-se do amor dum jardineiro.
isto é, dum poeta!

e por aqui me desdobro
honrando Vicente Huidobro.
acreditem ímpios ateus,
um poeta, pela sua criatividade,
é muito mais que uma divindade.

é um pequeno deus!